

Quanto Vale ou É por Quilo?

Guilherme Painko Scalcon

Ciência da Computação

Sinopse

Uma analogia entre o antigo comércio de escravos e a atual exploração da miséria pelo marketing social, que forma uma solidariedade de fachada. No século XVII um capitão-do-mato captura uma escrava fugitiva, que está grávida. Após entregá-la ao seu dono e receber sua recompensa, a escrava aborta o filho que espera. Atualmente uma ONG implanta o projeto Informática na Periferia em uma comunidade carente. Arminda, que trabalha no projeto, descobre que os computadores comprados foram superfaturados e, por causa disto, precisa agora ser eliminada. Candinho, um jovem desempregado cuja esposa está grávida, torna-se matador de aluguel para conseguir dinheiro para sobreviver.

O filme faz uma comparação com tráfico de escravos do século 17, ao mesmo que critica as ONGs e suas captações de recursos junto ao governo e empresas privadas.

Cena em que Joana é acusada de perturbar a paz social

Essa cena retrata Joana, uma senhora de escravos, que enfrenta uma situação de grande injustiça. Joana vai atrás de seus escravos, que haviam sido tomados por outros senhores de engenho. Ao tentar reaver o que considera sua propriedade, ela é confrontada pelas autoridades e pelos senhores locais, sendo acusada de “perturbar a paz social”.

O impacto dessa cena está na inversão do sentido de justiça. Joana, mesmo sendo parte da elite escravocrata, é subjugada e acusada de ser a causadora de distúrbios, revelando como as relações de poder são complexas, até mesmo entre os próprios senhores de escravos. A ideia de "paz social" que é defendida ali é aquela que protege os interesses de uma classe dominante específica, e quando Joana tenta reivindicar seus direitos dentro desse sistema, é punida por isso. Isso expõe como, no Brasil colonial, a justiça servia para manter a ordem social favorável apenas aos mais poderosos, e qualquer tentativa de romper ou questionar essa hierarquia, mesmo que por membros da elite, era imediatamente reprimida.

A cena também dialoga com a crítica do filme à hipocrisia e às contradições das estruturas sociais, pois mesmo aqueles que fazem parte do sistema opressor podem se tornar vítimas dele quando não seguem as regras tácitas de submissão às elites maiores.

Cena em que Maria Antônia faz o cálculo sobre ajudar (comprar)

Lucrécia

Nesta cena, Maria Antônia, uma rica senhora de escravos, pondera sobre a possibilidade de comprar Lucrécia, uma escrava em situação desesperadora. O momento é impactante, pois Maria Antônia não vê essa decisão sob uma ótica de compaixão ou solidariedade, mas como um cálculo frio e econômico. Ela analisa as desvantagens em ajudar Lucrécia, considerando se a compra da escrava lhe traria algum benefício real.

O impacto da cena está na maneira desumanizadora como Lucrécia é tratada. Para Maria Antônia, ajudar Lucrécia não é um ato de bondade, mas uma questão de retorno financeiro. Ela avalia a idade de Lucrécia, sua condição física e sua possível utilidade como mão de obra. Se Lucrécia não representar um bom investimento, Maria Antônia não tem interesse em salvá-la de sua condição.

Essa cena ilustra com força o tema central do filme: a mercantilização da vida humana. Assim como na escravidão colonial, as relações entre as classes e raças continuam sendo ditadas por um cálculo econômico. Pessoas em situação de vulnerabilidade, como Lucrécia, são vistas como meras mercadorias e suas vidas são reduzidas a um balanço de custos e benefícios. O olhar de Maria Antônia reflete o desprezo por qualquer moralidade ou empatia, mostrando o quão profundamente a desumanização estava enraizada nas relações sociais da época e como ela persiste nas dinâmicas de poder e exploração até os dias atuais.

Cena em que Bernadino decide processar Sebastião por deterioração de seu patrimônio (Adão)

Essa cena mostra o fazendeiro Bernadino decidindo processar Sebastião, outro senhor de engenho, por ter deteriorado seu "patrimônio", que no caso é o escravo Adão. Após Adão ser gravemente ferido enquanto trabalhava para Sebastião, Bernadino vê isso não como uma perda humana, mas sim como um prejuízo material, já que Adão, para ele, é uma peça de seu patrimônio.

O impacto dessa cena está na total desumanização de Adão, que é tratado exclusivamente como uma propriedade danificada. Bernadino, ao invés de se preocupar com a condição física e o sofrimento do escravo, concentra-se apenas no dano econômico que sofreu com a deterioração de sua "mercadoria". Ele faz questão de entrar com um processo judicial, buscando compensação financeira pelo prejuízo, como se estivesse lidando com a quebra de um objeto valioso.

A cena reflete a brutalidade e a frieza das relações escravocratas, onde a vida e o bem-estar dos escravos não tinham valor intrínseco, mas eram considerados apenas sob a perspectiva de sua utilidade econômica. A decisão de processar Sebastião é carregada de ironia, pois a justiça buscada aqui não é em relação a uma vida humana, mas sim em defesa dos direitos de propriedade de Bernadino sobre seu escravo.

Cena que mostra o ofício de pegar escravos fugidos

Essa cena retrata o trabalho dos **capitães do mato**, indivíduos contratados para capturar escravos que fugiram de seus senhores. Nela, vemos um grupo de capitães do mato em

ação, caçando escravos pelas florestas e áreas rurais. Armados e com cães de caça, eles seguem rastros com brutal eficiência, tratando os escravos fugidos como se fossem animais selvagens a serem capturados.

O impacto dessa cena está na violência explícita e na falta de qualquer traço de empatia para com os escravos. O ofício de capturar escravos é apresentado como uma atividade rotineira e legitimada, uma profissão com recompensas econômicas claras para aqueles que têm sucesso. Os capitães do mato agem com frieza, trazendo os escravos de volta em condições deploráveis, muitas vezes machucados ou acorrentados, para serem punidos e reintegrados ao sistema de trabalho forçado.

A cena é particularmente impactante porque revela a extensão do controle social e a violência institucionalizada do sistema escravocrata. Os capitães do mato não apenas capturam os escravos, mas também representam o braço armado de uma sociedade que está completamente estruturada para manter o regime de opressão. Isso expõe como a fuga dos escravos era vista como uma ameaça à ordem social, e a captura deles era uma forma de reafirmar o poder absoluto dos senhores sobre a vida dos indivíduos escravizados.